



A
MENTE
do
ESPÍRITO

A Visão de Paulo Sobre a Mente Transformada

CRAIG S. KEENER


VIDA NOVA

Nesse volume perspicaz, Keener trata de um aspecto negligenciado da teologia de Paulo: como a fé em Deus e no Espírito de Deus capacita a mente a pensar e a compreender de uma nova forma. Valendo-se de seu vasto conhecimento da literatura greco-romana, Keener mostra que Paulo tem semelhanças e diferenças em relação a seus contemporâneos. Ao fazê-lo, ele propõe que o cristão de hoje deve ter semelhanças e diferenças em relação a seus contemporâneos.

Frank J. Matera, Catholic University of America

Santidade incorporada ou conformidade à imagem do Filho significa ter desejos antes desordenados, mas agora reordenados a Cristo por meio da mente renovada pelo Espírito. Ao usar lentes bíblicas e contextuais abrangentes e com uma visão holística da humanidade renovada, Keener nos faz lembrar dessa realidade não negociável. Ele revigora nossa compreensão da mente do Espírito (e, portanto, de Cristo) e oferece uma visão do Novo Testamento da razão santa, capacitada pelo Espírito, que ordena as paixões dos filhos de Deus, de forma individual e coletiva. Uma valiosa contribuição, de fato.

Cherith Nordling, Northern Seminary

Keener faz a exegese de passagens-chave sobre a mente nos escritos de Paulo, valendo-se de sua atenção característica ao detalhe e do amplo conhecimento que tem das fontes antigas. Como pentecostal que sou aprecio o requinte acadêmico de seu trabalho; mas além de apreço intelectual, tenho profunda gratidão. Esse sentimento é fruto de sentir-me compreendido; Keener também vive num mundo onde a tensão entre o Espírito e a mente é muito real, e ele insiste na visualização de um novo mundo onde o Espírito chama espíritos e mentes humanas, e estes respondem.

Holly Beers, Westmont College

Neste estudo ricamente documentado, Craig Keener mostra as afinidades de Paulo com filósofos antigos enquanto reconhece que as expectativas apocalípticas judaicas também moldaram o pensamento do apóstolo em relação à mente humana. Paulo acreditava, assim como os filósofos, que as convicções fundamentais moldavam o caráter e o comportamento. E como herdeiro da tradição apocalíptica judaica, ele cria que as convicções devem ser moldadas pela ação de Deus em Cristo. Nesse diálogo respeitoso, porém crítico, juntamente com muitos especialistas em Paulo, Keener aplica sua visão fundamental para iluminar argumentos individuais e a teologia geral de Paulo. Essa será uma obra importante para qualquer pessoa interessada no relacionamento da teologia paulina com seu contexto cultural.

Harold Attridge, Yale Divinity School

Nesse volume perspicaz, Keener trata de um aspecto negligenciado da teologia de Paulo: como a fé em Deus e no Espírito de Deus capacita a mente a pensar e a compreender de uma nova forma. Valendo-se de seu vasto conhecimento da literatura greco-romana, Keener mostra que Paulo tem semelhanças e diferenças em relação a seus contemporâneos. Ao fazê-lo, ele propõe que o cristão de hoje deve ter semelhanças e diferenças em relação a seus contemporâneos.

Frank J. Matera, Catholic University of America

Santidade incorporada ou conformidade à imagem do Filho significa ter desejos antes desordenados, mas agora reordenados a Cristo por meio da mente renovada pelo Espírito. Ao usar lentes bíblicas e contextuais abrangentes e com uma visão holística da humanidade renovada, Keener nos faz lembrar dessa realidade não negociável. Ele revigora nossa compreensão da mente do Espírito (e, portanto, de Cristo) e oferece uma visão do Novo Testamento da razão santa, capacitada pelo Espírito, que ordena as paixões dos filhos de Deus, de forma individual e coletiva. Uma valiosa contribuição, de fato.

Cherith Nordling, Northern Seminary

Keener faz a exegese de passagens-chave sobre a mente nos escritos de Paulo, valendo-se de sua atenção característica ao detalhe e do amplo conhecimento que tem das fontes antigas. Como pentecostal que sou aprecio o requinte acadêmico de seu trabalho; mas além de apreço intelectual, tenho profunda gratidão. Esse sentimento é fruto de sentir-me compreendido; Keener também vive num mundo onde a tensão entre o Espírito e a mente é muito real, e ele insiste na visualização de um novo mundo onde o Espírito chama espíritos e mentes humanas, e estes respondem.

Holly Beers, Westmont College

Neste estudo ricamente documentado, Craig Keener mostra as afinidades de Paulo com filósofos antigos enquanto reconhece que as expectativas apocalípticas judaicas também moldaram o pensamento do apóstolo em relação à mente humana. Paulo acreditava, assim como os filósofos, que as convicções fundamentais moldavam o caráter e o comportamento. E como herdeiro da tradição apocalíptica judaica, ele cria que as convicções devem ser moldadas pela ação de Deus em Cristo. Nesse diálogo respeitoso, porém crítico, juntamente com muitos especialistas em Paulo, Keener aplica sua visão fundamental para iluminar argumentos individuais e a teologia geral de Paulo. Essa será uma obra importante para qualquer pessoa interessada no relacionamento da teologia paulina com seu contexto cultural.

Harold Attridge, Yale Divinity School

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	15
<i>Reduções gráficas (abreviações e siglas)</i>	17
Introdução.....	45
De que trata este livro.....	46
De que este livro não trata.....	47
Implicações para a reflexão teológica na igreja de hoje.....	50
1. A mente corrompida (Rm 1.18-32).....	55
A mente corrompida do mundo pagão.....	56
<i>Resumo do argumento provável de Paulo</i>	56
<i>Uma analogia judaica antiga</i>	58
A ira de Deus contra os idólatras.....	59
<i>Informações a respeito de Deus na criação</i>	60
EXCURSO: O conhecimento de Deus no pensamento do Mediterrâneo antigo.....	61
<i>Mentes corrompidas resistem às evidências racionais da criação</i>	67
<i>A insensatez da idolatria</i>	69
A loucura do pecado como seu próprio castigo.....	73
<i>Entregues a desejos irracionais</i>	74
<i>Pensamentos corrompidos por paixões</i>	76
<i>Alteração da imagem de Deus (Rm 1.23-27)</i>	81
<i>Mentes inadequadas (Rm 1.28)</i>	84
Conclusão.....	87
2. A mente da fé (Rm 6.11).....	89
Morte com Cristo (Rm 6.1-10).....	90

<i>Produz justiça</i>	90
<i>A nova identidade</i>	91
<i>Mortos com Cristo</i>	92
EXCURSO: Antecedentes nas religiões de mistérios para morrer e ressuscitar com Cristo?	93
<i>A morte para o pecado erradica as paixões?</i>	97
<i>Libertos da escravidão</i>	99
<i>Definidos pelo destino em Cristo</i>	100
Consideração da nova realidade pela fé	103
<i>Fé e atribuição</i>	103
<i>Consideração cognitiva em outras fontes da Antiguidade</i>	106
EXCURSO: Autoconhecimento	107
<i>Identificação com Cristo</i>	109
<i>A vivência da nova identidade</i>	111
<i>Avaliação da solução de Paulo</i>	113
Conclusão.....	115
3. A mente da carne (Rm 7.22-25)	117
Descrição de uma situação cristã ou pré-cristã?	118
<i>Os primeiros intérpretes</i>	118
<i>Levantamento dos pontos de vista contemporâneos</i>	121
<i>Romanos 7.7-25 como vida cristã</i>	123
<i>Romanos 7.7-25 como experiência não cristã</i>	125
<i>Por que usar o tempo verbal presente?</i>	127
Quem é o “eu” em Romanos 7?	129
<i>Autobiográfico?</i>	130
<i>Um “eu” genérico ou projetado</i>	131
<i>Adão?</i>	134
<i>Israel</i>	137
Levantamento do contexto e da função de Romanos 7.7-25.....	140
O problema das paixões.....	142
<i>As paixões e a lei em fontes judaicas helenísticas</i>	142
<i>Desejo em Romanos 7.7</i>	144
EXCURSO: Conceitos de lascívia e de outros desejos ilícitos na Antiguidade	149

<i>Paixões na tradição da Judeia: o impulso maligno</i>	152
Conflito interior	158
<i>Crenças a respeito de conflito interior na Antiguidade</i>	158
<i>O retrato de alguém dominado pelas paixões</i>	161
<i>Servidão da volição? O desejo de fazer o que é certo</i>	163
Contraste entre a lei no corpo e a lei na mente (Rm 7.22-25).....	166
<i>A lei na mente</i>	166
<i>A lei, o corpo e o pecado</i>	168
<i>Desejos físicos no pensamento da Antiguidade</i>	170
EXCURSO: A carne	170
<i>Paulo e o corpo</i>	176
<i>Uma imagem de derrota</i>	179
EXCURSO: Metáforas militares da Antiguidade.....	181
Conclusão.....	183
4. A mente do Espírito (Rm 8.5-7).....	185
A nova mentalidade.....	186
<i>Disposição e mente</i>	186
<i>Relação com a mente derrotada em Romanos 7</i>	188
<i>Contraste com a abordagem baseada na Lei em Romanos 7</i>	190
<i>Duas maneiras de pensar</i>	192
<i>A ênfase sobre o pensamento sábio na filosofia</i>	193
Tipos ideais	195
<i>Duas categorias na humanidade como tipos ideais</i>	196
<i>Tipos ideais judaicos</i>	199
Participação da mente de Deus	201
<i>Participação da mente divina no pensamento grego</i>	202
<i>Habitação da divindade na pessoa no pensamento gentílico e judaico</i>	205
A experiência do Espírito	207
A mentalidade do Espírito é paz (Rm 8.6).....	210
<i>A mente tranquila conforme os filósofos</i>	211
<i>Possível base exegética para a mente tranquila</i>	214
<i>Tranquilidade na comunidade</i>	216
Conclusão	217
5. Uma mente renovada (Rm 12.1-3).....	219
Apresentação do corpo como sacrifício	221
<i>Sacrifícios na Antiguidade</i>	222

<i>Sacrifício vivo</i>	226
<i>Sacrifício racional</i>	228
Transformado <i>versus</i> conformado.....	230
<i>A nova era versus a antiga</i>	230
<i>Renovação para uma nova era</i>	232
<i>Mente e transformação</i>	234
Discernir a vontade de Deus.....	237
<i>Critérios para avaliação</i>	238
<i>Bom, agradável e perfeito como critérios</i>	240
O contexto literário para essa renovação da mente.....	245
<i>A mente de Deus no contexto precedente</i>	246
<i>Uma mente para o corpo de Cristo no contexto subsequente</i>	247
Conclusão.....	253
6. A mente de Cristo (1Co 2.15,16).....	255
Verdadeira sabedoria (1Co 1.18—2.10).....	256
<i>A sabedoria da cruz (1Co 1.17—2.5)</i>	256
<i>A sabedoria da era futura (1Co 2.6-10)</i>	259
O discernimento do Espírito (1Co 2.10-13).....	262
<i>O Espírito como revelador (1Co 2.10,11)</i>	262
<i>Entendimento por meio do Espírito de Deus versus o espírito do mundo (1Co 2.12,13)</i>	265
Competência espiritual para avaliar a verdade (1Co 2.14,15).....	268
<i>Uma cultura universal de avaliação</i>	269
<i>Critérios de avaliação</i>	271
<i>Incapacidade de entender as coisas do Espírito (1Co 2.14,15)</i>	274
EXCURSO: Pessoas “naturais” e “espirituais”.....	274
<i>Fontes sugeridas da terminologia</i>	274
<i>Mortais em Adão versus o Espírito de Cristo</i>	276
Temos a mente de Cristo (1Co 2.16).....	281
<i>A base bíblica de Paulo</i>	281
<i>Revelação da mente de Deus</i>	283
<i>Dons para o ministério e a mente de Deus</i>	285
<i>Inspiração e capacitação divinas, e não identidade divina (1Co 3.3,4)</i>	288
EXCURSO: A divinização nas tradições grega e romana.....	288
Transformação por meio da visão (2Co 3.18).....	293

<i>A visão helenística do divino</i>	294
<i>A visão judaica do divino e a imagem de Deus</i>	297
<i>A glória revelada a Moisés e aos representantes de Jesus</i>	300
<i>A experiência do Espírito</i>	302
Conclusão	304
7. Uma mente semelhante à de Cristo (Fp 2.1-5; 3.19-21; 4.6-8)	305
A paz divina guarda a mente em Cristo (Fp 4.7)	306
<i>Celebração em Cristo (Fp 4.4)</i>	308
<i>Oração em lugar de preocupação (Fp 4.6)</i>	312
<i>Reflexão sobre o que é puro (Fp 4.8)</i>	314
Pensar como Cristo (Fp 2.5)	319
Cidadãos do céu (Fp 3.20)	322
Conclusão	327
8. A mente celestial (Cl 3.1,2)	329
Contemplação de coisas celestiais (Cl 3.1,2)	330
<i>A mentalidade celestial em fontes gregas e romanas</i>	331
<i>A mentalidade celestial em fontes judaicas e cristãs primitivas</i>	332
“Onde Cristo está entronizado” (Cl 3.1)	335
<i>Seres celestiais ou o trono de Deus</i>	335
<i>O Cristo exaltado</i>	336
Implicações morais da contemplação celestial	338
<i>Vida em Cristo</i>	338
<i>A inteligibilidade da ligação moral para os ouvintes da Antiguidade</i>	340
Vida celestial depois da morte em Colossenses 3	343
Conclusão	344
Conclusão	347
Posfácio: Algumas implicações pastorais	351
Igrejas divididas	351
Corações divididos?	352
Psicologia pastoral	354
Cosmovisões	356
Aplicação prática das considerações	357
Apêndice A: A alma no pensamento do Mediterrâneo antigo	361
A alma como entidade distinta	362
A vida da alma após a morte	363
Observações de pensadores judeus acerca da alma e do corpo	369

Observações de pensadores judeus acerca da vida depois da morte	371
Apêndice B: Parte do plano sábio de Deus na Bíblia de Paulo	375
Bibliografia	377
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	419
<i>Índice de outras fontes antigas</i>	433
<i>Índice remissivo</i>	479

INTRODUÇÃO

Estudiosos de Paulo têm, justificadamente, explorado de modo bastante detalhado a soteriologia, a cristologia e a pneumatologia de Paulo e suas perspectivas acerca de Israel e das Escrituras. E, no entanto, mesmo entre as discussões menos comuns da antropologia paulina, é raro estudiosos dedicarem maior atenção a seu conceito da mente,¹ sobretudo de uma forma que explique como ele deve ter moldado a linguagem que usou para comunicar-se com seus contemporâneos.

Observações mais recentes a respeito desse assunto feitas por teólogos versados na filosofia antiga, como Stanley Stowers e Troels Engberg-Pedersen, nem sempre foram incorporadas a discussões exegéticas ou teológicas em medida proporcional ao mérito de suas contribuições.² Espero que intérpretes posteriores levem suas contribuições (e a minha) em maior consideração, embora, no futuro, novas pesquisas certamente lançarão mão de uma gama mais ampla de fontes e oferecerão mais nuances para nossas discussões iniciais desses assuntos.

Intérpretes anteriores enfatizaram corretamente a importância da justiça dos crentes em Romanos, em geral, no tocante à condição ou relação do indivíduo com Deus e/ou com referência à retidão ou transformação moral. No

¹Há exceções como, recentemente, Wright, *Faithfulness*, p. 1121-6, bem como minhas próprias tentativas em Keener, “Perspectives”; Keener, “Heavenly mindedness”; Keener, “Minds”.

²Ao citá-los, não estou afirmando que concordo com eles em todos os pontos, mas observo que sua familiaridade com a filosofia antiga lhes permitiu identificar e abordar algumas questões em Paulo de um ponto de vista muitas vezes desconsiderado por estudiosos. Apesar das considerações proveitosas de Engberg-Pedersen, alguns estudiosos questionaram sua dependência desproporcional de Cícero, *S. bem*, 3 para a reconstrução do estoicismo em *Paul and Stoics* (veja Wright, *Faithfulness*, p. 1391, 1395). Na presente obra, lanço mão deliberadamente de uma gama mais ampla de fontes referentes ao estoicismo, destacando não apenas Ário Dídimo, *Epítome*, de modo particular, mas vários outros autores estoicos.

entanto, muitas vezes não perceberam como Paulo usa a cognição para associar esses elementos fundamentais. Como é feita a transição da identidade reta para o modo de vida reto? Paulo enfatiza a importância de um entendimento correto correspondente à perspectiva divina, um entendimento que talvez complemente ou, mais provavelmente, atue como outro aspecto daquilo que Paulo chama de fé.

De que trata este livro

O capítulo 1 deste livro aborda como Paulo apresenta a mente pagã corrompida em Romanos 1.18-32. Nessa passagem, vemos que, após rejeitar o conhecimento de Deus, a mente pagã supostamente sábia tornou-se sujeita às paixões que os filósofos consideravam a antítese da razão regida pelo autocontrole. O capítulo 2 investiga a nova maneira de pensar, em Cristo, em Romanos 6.1-11: tendo sido justificados aos olhos de Deus pela fé, agora os crentes são convidados a participar da perspectiva divina em sua união com a morte de Cristo (6.11). O capítulo 3 é o mais longo, graças às questões de grande importância em Romanos 7.15-25 que precisam ser contempladas antes de desenvolvermos qualquer exegese de outro texto. Nele, volto a tratar da mente caída, mas, nesse caso, não mais a mente pagã não instruída pela lei de 1.18-32. A mente religiosa instruída pelos requisitos justos de Deus fica ainda mais frustrada com as paixões, pois sabe distinguir entre certo e errado e, ainda assim, é incapaz de calar a paixão.

O capítulo 4 trata da forma de pensar capacitada pelo Espírito de Deus em Romanos 8.5-7. Nessa passagem, aqueles que já foram justificados são retratados como indivíduos motivados e capacitados para servir a Deus por meio da vida interior do Espírito de Deus. Romanos 12.1-3, analisado no capítulo 5, descreve a renovação da mente conforme os padrões da era vindoura, em vez da era presente. Esse tipo de mente leva a pessoa a dedicar o próprio corpo a serviço do corpo mais amplo de Cristo. O capítulo 6 fala da mente de Cristo em 1Coríntios 2.16 e seu contexto: a habitação do Espírito de Deus reparte com os espiritualmente maduros — os que estão atentos para a explanação, pelo Espírito, da mensagem de Cristo — certa medida da sabedoria de Deus. Também nesse caso o Espírito proporciona um antegozo da realidade escatológica, bem como uma experiência de Deus. No final desse capítulo, trato de forma sucinta de uma passagem de 2Coríntios (3.18) que ajuda a entender melhor como o Espírito ilumina nossa mente em Cristo.

Como a correspondência de Paulo com romanos e coríntios é suficiente para evidenciar seu interesse na cognição e no divino, apresento somente de

modo breve amostras do tema em outras passagens. O capítulo 7 faz um levantamento mais sucinto de parte desse tema cognitivo em Filipenses: os que confiam suas preocupações a Deus podem usufruir da paz (4.6-8); um modo de pensar semelhante ao de Cristo implica serviço mútuo (2.5); e a mente renovada deve voltar-se para as questões celestiais, e não para as terrenas (3.19,20). Por fim, o capítulo 8 desenvolve o tema da mente celestial em Colossenses 3.1,2: uma ênfase sobre o Cristo entronizado que transforma o modo de viver dos crentes na terra.

De que este livro não trata

Ao analisar as passagens bíblicas, deixo de fora vários detalhes exegéticos e levantamentos de perspectivas quando estes não são relevantes para o tema em questão; o leitor interessado em minha perspectiva sobre esses tópicos encontrará uma discussão deles, ainda que sucinta, em meu breve comentário sobre Romanos,³ que espero retomar no futuro em uma obra mais extensa. O estudo da cognição em Paulo não depende de nenhuma das principais abordagens controversas a outros aspectos da teologia paulina, com exceção do capítulo sobre Romanos 7.

Embora Paulo use toda uma gama de termos associados a conceitos de pensamento, de entendimento e da mente, meu foco na presente obra não é sobre um estudo léxico, algo fácil de realizar na atualidade com uma grande variedade de ferramentas prontamente disponíveis.⁴ Tratar do uso antigo mais amplo de todos os termos dos quais Paulo se vale é um exercício proveitoso, mas não é o objetivo deste estudo. Embora eu trabalhe com base no texto grego, sempre que possível traduzo as palavras para nosso idioma de modo a manter o livro acessível para um público mais abrangente. O leitor deve ter em mente que Paulo emprega diversos termos do mesmo âmbito semântico, ainda que esses termos nem sempre sejam diferenciados de modo consistente nas traduções para nosso idioma.⁵

³Keener, *Romans*.

⁴No estrato acadêmico mais erudito, pode-se consultar *TLG*; não especialistas (bem como estudiosos que buscam produzir obras menos meticulosas) podem consultar *Accordance*, *Logos* e *BibleWorks*.

⁵Baseio meu próprio trabalho sobre Paulo no texto grego, mas escrevo em inglês. Aqueles que tiverem interesse nos termos específicos usados devem consultar o texto grego, tendo em mente, porém, que o âmbito semântico mais amplo será de maior relevância para nossos propósitos gerais do que uma investigação léxica extensa de termos específicos. Esse estudo pode ser realizado por meio da pesquisa em concordâncias, em vez do trabalho mais conceitual que realizei ao pesquisar a gama mais ampla de fontes antigas.

Não me proponho a discutir todas as passagens possivelmente relevantes, nem todos os detalhes das passagens das quais trato; em vez disso, minha intenção é apresentar um estudo mais exaustivo de uma amostra de passagens específicas e de como as discussões sobre a mente entre os contemporâneos de Paulo podem ter norteado o modo como seu público original o entendeu. Em minha principal exceção a essa regra, trato de Romanos 7 em mais detalhes porque continua a ser tema de certa controvérsia. Em capítulos posteriores, não discorrerei sobre argumentos já definidos (ou pelo menos apresentados) em capítulos anteriores, o que significa que os dois últimos capítulos do livro serão relativamente curtos. Minhas traduções no início de cada capítulo visam apenas apresentar certos assuntos de algumas das passagens fundamentais em questão; evidentemente, nenhuma tradução é capaz de transmitir todas as nuances possíveis implícitas no contexto literário ou nos meios intelectuais de Paulo.

Embora me interesse pela teologia de Paulo sobre o tema em questão, não apresento posicionamentos definidos a respeito de vários dos assuntos polêmicos da teologia paulina atual. As contribuições principais deste livro não devem ser influenciadas, por exemplo, pelo fato de o leitor adotar a “nova perspectiva” (na verdade, perspectivas)⁶ da soteriologia paulina ou suas versões mais tradicionais.⁷ Procuro realizar uma exegese imparcial dos textos, o que talvez torne minha abordagem eclética em alguns momentos;⁸ no entanto, não sacrifiquei espaço para qualificar boa parte de minha terminologia a fim de, repetidamente, declarar neutralidade quanto às discussões contemporâneas. Reconheço que, sem dúvida, existem controvérsias a respeito de questões secundárias das quais ainda não estou a par.

Com frequência excessiva, estudiosos adotam determinado antecedente para a terminologia de Paulo (e.g., cínico ou targúmico) sem ter investigado em mais detalhes as fontes antigas. Por vezes, também classificam de forma concisa as obras de outros estudiosos com base em sua ênfase (como, e.g., a proposta de antecedentes rabínicos, judaicos helenísticos ou estoicos para Paulo). De forma

⁶Como seus proponentes observam com frequência, e.g., Wright, *Justification*, p. 28; Wright, *Faithfulness*, p. 1458. De modo semelhante, críticos também identificam várias “novas perspectivas”; veja, e.g., Waters, *Justification*, p. 154.

⁷Por vezes, as diferenças também podem ser exageradas. Logo, e.g., Dunn (*Perspective*, p. 18-23, 28-30) observa que sua ênfase sobre questões culturalmente específicas destacadas em Romanos não visa negar princípios mais amplos que essas questões talvez reflitam.

⁸Caso algum leitor considere que me inclino demais em direção à antiga ou à nova perspectiva para seu gosto, esse leitor pode, com ajustes mínimos, aproveitar minhas observações exegéticas dentro de seu próprio sistema.

contrastante, visto que nossas melhores fontes indicam que Paulo era da Judeia, com antecedentes e missão associados à Diáspora, a abordagem mais proveitosa talvez seja mais eclética, valendo-se de diversas fontes conforme cada uma oferece maior contribuição para determinados tópicos.

Tendo em vista o foco deste livro sobre temas cognitivos em Paulo, parte de minha atenção ao contexto de Paulo deve tratar da filosofia antiga, que compartilhava dessa ênfase cognitiva. Ao examinar em diversos momentos um contexto filosófico popular para o apóstolo, não pretendo afirmar que Paulo tinha uma formação filosófica; por certo, ele não estudou em uma escola de filosofia. Contudo, tinha interesse em alcançar habitantes de fala grega em cidades na Ásia romana, na Macedônia, na Acaia e em Roma. Em geral, os membros mais influentes de suas igrejas costumavam ter boa formação, o que, nessas regiões, significava algum conhecimento de filosofia (e.g., relatos sobre filósofos e ditos deles), embora a maioria dos que tinham acesso a uma formação superior optava por uma ênfase na retórica. Outros que, muitas vezes, talvez tivessem pouca instrução (cf. 1Co 1.26), ainda assim tinham contato com a filosofia popular por meio de oradores nas praças ou em competições públicas, bem como (para os que eram cidadãos de sua cidade) por meio de alusões feitas em discursos nas assembleias públicas. Papiros egípcios nos mostram um pouco mais da vida diária nas vilas, mas ensinamentos comuns da filosofia popular (ainda que nem sempre com detalhes técnicos das diversas escolas de pensamento filosófico) revelam parte do meio intelectual de muitos dos habitantes das cidades.

De qualquer modo, o melhor acesso que temos a esse pensamento na atualidade é por meio das obras que chegaram até nós. Dou destaque um pouco maior ao estoicismo que a outras escolas porque (1) era o sistema filosófico predominante desse período naquela região; (2) influenciou o discurso intelectual não filosófico por meio do ensino elitizado; e (3) influenciou o pensamento popular urbano por meio do controle exercido pelos mais instruídos sobre grande parte dos discursos públicos.⁹ (É possível que o médio-platonismo já exercesse influência mais forte sobre os intelectuais alexandrinos; sua abordagem eclética e outros fatores o tornaram mais amplamente dominante depois da época de Paulo.)

O contexto romano é relevante não apenas em Roma, mas também em Corinto e Filipos, duas colônias com forte influência romana. Nesses dois locais, porém, é provável que a mensagem a respeito de Jesus tenha circulado primeiro entre os judeus de fala grega, tornando os contextos grego e judaico

⁹Cf. aqui, e.g., Brookins, "Wise Corinthians".

(e, em mesma medida, os contextos judaicos helenísticos) igualmente relevantes. Lanço mão aqui de um contexto potencialmente relevante o mais amplo possível, mas reconheço, ao mesmo tempo (como fazem outros historiadores da Antiguidade) que, em geral, não é possível fornecer paralelos para a cidade e década exatas às quais Paulo estava se dirigindo.

Apresento aqui exemplos exegéticos da abordagem de Paulo à mente renovada e não afirmo tratar de todos os textos paulinos incontestados. Dedico ainda menor atenção a esse tema na literatura paulina contestada. Pessoalmente, aceito a autoria paulina de Efésios, mas as considerações dessa epístola não alterariam de modo significativo os resultados deste estudo. Considero Colossenses de autoria paulina, mas aqueles que discordam verão, pelo menos, que minha discussão sucinta de Colossenses 3.1,2 é relevante para os desdobramentos iniciais do pensamento paulino, desdobramentos que se harmonizam naturalmente, no contexto da Diáspora, com as obras de autoria paulina incontestada.

Tenho mais respeito pelo modo como Lucas retrata Paulo do que alguns estudiosos de Atos; meu respeito não é resultante de ignorância acerca da erudição crítica (como os críticos por vezes supõem ser o caso de todos aqueles que não compartilham de suas convicções), mas de pesquisa minuciosa.¹⁰ A presente obra não tem muita oportunidade de se valer de Atos, mas basta dizer que a descrição geral de Paulo fornecida por Lucas como um pensador brilhante, habilidoso e letrado é coerente com o que vemos nas próprias epístolas de Paulo. O Paulo apresentado por Lucas, como o Paulo das Epístolas, não parecia enfrentar conflito algum como crente entre a vida no Espírito e o intelecto conduzido pela fé.¹¹

Implicações para a reflexão teológica na igreja de hoje

Pensadores de hoje têm muito que aprender com os intelectuais antigos, por vezes até mesmo o gérmen do pensamento contemporâneo. Para os cristãos, as

¹⁰Veja Keener, *Acts*, 4 vols. (esp. as amostras no vol. 1, cap. 7). Creio que minha obra sobre Atos se encaixa nos estudos tradicionais de Atos, mas espero que até mesmo os mais céticos reconheçam o nível de pesquisa no comentário, que cita dezenas de milhares de referências primárias da Antiguidade.

¹¹Para uma discussão mais completa dessa questão, veja Keener, "Teaching ministry". Quanto à asserção de Lucas acerca da sofisticação retórica de Paulo, veja Keener, "Rhetorical techniques"; quanto a sua asserção de possuir uma mente sóbria, veja Keener, "Madness". Quanto ao modo como Lucas retrata a formação de Paulo antes de se tornar seguidor de Cristo, veja a discussão em Keener, *Acts*, 3.3205-15. Quanto às descrições coerentes, mas diferentes de Paulo em ambas as fontes, veja, e.g., Porter, *Paul in Acts*; para analogias concretas em outras biografias sobre um indivíduo e suas cartas, veja Hillard; Nobbs; Winter, "Corpus".

obras de Paulo são seminais e trazem contribuições esclarecedoras para questões subsequentes da igreja. Algumas divisões que muitos leitores atuais supõem ser bíblicas se originaram, na verdade, em discussões pós-bíblicas.

A Reforma, na qual os estudiosos desempenharam um papel proeminente, enfatizou o estudo disciplinado do texto bíblico. No entanto, nem todos tinham acesso a formação e recursos acadêmicos, e várias outras comunidades de fé (incluindo muitos anabatistas, pietistas posteriores, participantes de avivamentos pioneiros da América do Norte, o começo do movimento evangélico entre afrodescendentes na América do Norte, o pentecostalismo em seu início etc.) destacaram em especial a dependência no Espírito. Alguns círculos foram mais bem-sucedidos que outros em reunir essas ênfases como, por exemplo, alguns dos primeiros pais da igreja, vários mosteiros medievais, Jonathan Edwards e John Wesley.

Apesar disso, pelo menos no meio dos protestantes da atualidade, ainda restam, por vezes, sérias divisões entre aqueles que enfatizam a herança acadêmica da Reforma e aqueles que enfatizam a herança de alguns movimentos subsequentes de avivamento. (Entre os católicos, diferentes ordens monásticas também costumam valorizar diferentes ênfases, embora essas distinções sejam, sem dúvida, menos acentuadas hoje que no passado.)

Em princípio, a maioria de nós concorda com a importância tanto de investigar o texto bíblico de modo cognitivo quanto de acolher o Espírito de modo experiencial; o texto bíblico nos convida a essa experiência e, sem os limites objetivos estabelecidos nas Escrituras, a experiência pode facilmente perder sua fundamentação cristocêntrica. Cada tradição cristã, contudo, tem suas preferências, e cada uma se concentrou em uma ênfase bíblica diferente, porém autêntica; portanto, cada uma tem algo de valor para aprender com as outras. Precisamos tanto da Palavra quanto do Espírito; para Paulo, certamente ambos estão ligados de modo inextricável. A presente obra argumentará que, em oposição à proposta de alguns círculos, o Espírito muitas vezes trabalha por meio da mente, e não somente de modo separado dela.

Por vezes, a dicotomia diz respeito mais à diferença entre a mente e o espírito humano que ao contraste entre a mente humana e o Espírito de Deus. E, no entanto, como seres integrais, precisamos cultivar tanto os aspectos cognitivos quanto os afetivos de nossa humanidade a fim de honrar o Senhor de modo pleno (cf., e.g., o interesse de Paulo em ambos os aspectos em 1Co 14.15). É natural para alguns de nós sentir maior atração por igrejas que enfatizam a exposição racional, e para outros, por igrejas que envolvem as emoções com

pregações comoventes, cultos de celebração ou, em alguns meios mais sacramentais, o toque e, por vezes, os aromas da adoração.¹² Sem dúvida, muitos de nós nos sentimos divididos e gostaríamos que mais igrejas falassem tanto à mente como ao espírito. Alguns talvez já tenham encontrado igrejas que fazem ambas as coisas de modo satisfatório.

Infelizmente, alguns meios ainda valorizam apenas uma dessas abordagens a Deus e, com frequência, desprezam a outra como algo irracional ou não espiritual. Algumas linhas, ao citarem que o Espírito dá testemunho a nosso espírito (Rm 8.16), destacam que nosso espírito é um órgão ligado ao Espírito de Deus de uma maneira que consideram impossível para a mente.¹³ Outros meios praticamente colocam a aptidão racional exegética ou teológica no lugar de qualquer outra maneira de ouvir a voz de Deus. Cada um desses dois extremos com frequência olha com suspeita para a abordagem a Deus adotada pelo outro grupo. Muitos de nós que não estamos em um extremo nem em outro nos sentimos mais à vontade com ambas as abordagens e não vemos necessidade de denigrar aqueles que têm uma preferência diferente da nossa. Como erudito carismático, não tenho problema em aceitar que Deus transforma tanto a mente quanto o espírito, embora meus dons e chamado muitas vezes tenham voltado meu foco mais para a mente. Este livro se concentra em destacar o valor do aspecto cognitivo, mas biblicamente Deus trabalha com ambos.

¹²Tipos de personalidade, às vezes, nos levam a ter mais afinidade com alguns ambientes do que com outros; algumas pessoas são, em razão de sua constituição (e, por vezes, de seu ambiente), dadas à análise, por exemplo, enquanto outras se desenvolvem mais em um ambiente fortemente relacional. Desde que valorizemos outros dons e estejamos dispostos a crescer em nossos pontos mais fracos, nossas diferenças quanto a essas questões podem ser complementares, e não contraditórias. Como ilustração, o teste Myers-Briggs de personalidade indicou que minhas características são introversão, intuição, sentimento e crítica; no entanto (exceto pelo fato de ser extremamente introvertido), me encaixo na classificação em alguns pontos só por um triz. Não tenho facilidade para comparar e contrastar minha personalidade com a de outras pessoas; esse fato possivelmente influencia o modo como abordo o presente assunto. Como estudiosos de hermenêutica enfatizaram de longa data (e.g., Bultmann, “Exegesis”; Thiselton, “New hermeneutic”, p. 86), nossas experiências passadas influenciam nossas percepções.

¹³Conforme a discussão do cap. 4, porém, o mesmo contexto também trata da “mente do Espírito” (Rm 8.5-7). De acordo com Paulo, orar em línguas é orar com o “espírito” (1Co 14.2,14), um dom precioso de Deus. No entanto, o mesmo contexto parece identificar o dom de interpretação da oração em línguas com orar com o entendimento (14.13-15). Paulo já identificou tanto línguas quanto interpretação como dons inspirados pelo Espírito (12.7,10); a oração com o entendimento dessa forma, então, também significa oração inspirada pelo Espírito de Deus. Em outras partes do cristianismo primitivo, adoração “em Espírito e em verdade” provavelmente se refere não ao espírito humano, mas ao Espírito de Deus (conforme, e.g., Scott, *Spirit*, p. 196; Keener, *John*, p. 615-9; *pace*, e.g., Morris, *John*, p. 270; Collins, “Spirit”).

Outra área na qual a discussão de Paulo a respeito da cognição levanta perguntas diz respeito a como explicá-la em linguagem mais amplamente inteligível em nosso tempo. Paulo se comunicou por meio da terminologia comum de sua época, que não se alinha facilmente com as terminologias psicológicas de hoje. Aliás, tanto os filósofos que psicologizavam no tempo de Paulo, como a ampla gama de escolas filosóficas e psicológicas de hoje, com frequência apresentam entre si variações de conceituação e terminologia.

Espero que o esclarecimento de parte da psicologia de Paulo neste livro forneça a psicólogos e conselheiros cristãos maneiras mais eficazes de articular os princípios do apóstolo nos termos deles. Espero também que, por meio da tradução desses princípios, possamos aprender a entender e aplicar a sabedoria de Paulo a novos contextos. No entanto, esse objetivo deve ter continuidade em pesquisas subsequentes nas quais haja cooperação entre essas disciplinas, pois se trata de um alvo excessivamente amplo e interdisciplinar para ser alcançado devidamente apenas neste livro.

1



A MENTE CORROMPIDA (RM 1.18-32)

Assim como eles não julgaram apropriado ter Deus em seu âmbito cognitivo, Deus os entregou a uma mente imprópria, para que fizessem coisas que não devem ser feitas (Rm 1.28).

No primeiro capítulo de Romanos, Paulo trata da mente corrompida do mundo gentílico; falará sobre a mente judaica mais instruída em Romanos 7.7-25. Pensadores da Antiguidade costumavam fazer um contraste entre razão e paixões: os sábios superavam as paixões por meio da verdade. Em Romanos 1.18-32, Paulo pinta um retrato mais complexo de razão e paixões, compatível com as condenações judaicas do paganismo.¹

Na presente passagem, Paulo argumenta que a humanidade distorceu irracionalmente a imagem de Deus por meio da idolatria e que Deus, por sua vez,

¹O uso do termo “pagão” nesta obra não se refere a um conjunto de conceitos religiosos; antes, comunica a perspectiva fundamental da maioria dos judeus e cristãos da Antiguidade a respeito dos não judeus, especialmente politeístas.

Nesta importante obra, Craig Keener, renomado estudioso do Novo Testamento, explora uma área importante mas geralmente negligenciada da teologia paulina: o ensinamento de Paulo sobre a mente. Paulo fala da mente corrompida e da mente da carne, mas também fala da mente de Cristo, da mente do Espírito e da renovação da mente. Ao articular esse tema, Paulo adapta a linguagem própria da reflexão intelectual popular de seu tempo, fazendo-o de forma claramente focada em Cristo e no papel de Cristo na transformação do crente. Keener permite que os leitores entendam esse mundo do pensamento para que possam interpretar as formulações de Paulo para a vida cristã contemporânea.

A mente do Espírito ajuda a superar uma falsa separação entre seguir o Espírito e usar o intelecto humano. Também fornece uma nova base para relacionar os estudos bíblicos com o aconselhamento cristão. Tal contribuição atrairá professores, alunos e estudiosos do Novo Testamento, bem como pastores e líderes de igreja.

A mente do Espírito, de Craig Keener, é uma contribuição bem-vinda a uma área de pesquisa muito negligenciada. Tendo o cuidado de classificar os escritos de Paulo no âmbito de contextos relevantes e de lê-los com rigor histórico-crítico e com erudição notável, Keener também nunca perde de vista a vitalidade teológica contínua desse tema. Em sua análise, a transformação da mente aqui explorada não pode ser separada da realidade do Espírito ou da comunidade unida pelo Espírito ao próprio Cristo. O resultado é uma obra de importância tanto acadêmica quanto pastoral.

GRANT MACASKILL, University of Aberdeen



 vidanova.com.br

 [/vidanovaedicoes](https://www.facebook.com/vidanovaedicoes)

 [@edicoesvidanova](https://twitter.com/edicoesvidanova)

